

O processamento ecocrítico e a psicologia da informação: tomando assento à mesa¹

*Scott Slovic*²

Tradutor *Siddharth Singh Monteiro Bora*³

Parte I. As indiossincrasias e as limitações da mente humana

Percebi, nos últimos anos, que minha carreira inteira na área de Humanidades Ambientais, desde meados da década de 1980 e, mais especificamente, no ramo dos estudos textuais, que Cheryll Glotfelty e Harold Fromm (ecoando William Rueckert) rotularam de “ecocrítica”, em meados da década de 1990, foi um estudo sobre como nossos cérebros reúnem informações da experiência diária do mundo e dos textos (verbais e de outra forma) que buscamos ou pelos quais somos bombardeados, através dos meios de comunicação e da cultura popular. Em meus livros, que vão desde

O artigo foi apresentado como palestra na Conferência Conjunta SES-J/MESA em Tóquio, Japão (agosto de 2016) e publicado na *The Ecocriticism Review* (SES-J) No. 10 (2017): 4-14. Professor de Literatura e Meio Ambiente da Universidade de Idaho, EUA. Autor e coeditor de vinte e quatro livros sobre ecocrítica. Dentre eles, *Ecocriticism of the Global South, Numbers and Nerves: Information, Emotion, and Meaning in a World of Data* e *Ecocriticism in Taiwan: Identity, Environment and the Arts*. Foi presidente e fundador da Association for the Study of Literature and Environment (ASLE) e, desde 1995, edita a *ISLE: Interdisciplinary Studies in Literature and Environment*. E-mail: <slovic@uidaho.edu>.

Mestre em Ciências Criminológico-Forenses pela Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales, Argentina. Tradutor e defensor dos Direitos dos animais. Área de atuação: Criminologia “Animal Studies” . e Green Criminology
E-mail: <sbora08@gmail.com>.

Seeking awareness in american nature writing (1992) e *Going away to think* (2008) até *Numbers and nerves: information, emotion, and meaning in a world of data* (2015)⁴, este último publicado com meu pai, o psicólogo Paul Slovic, explorei as peculiaridades e as limitações de como a mente humana recebe, processa e comunica as informações e maneira como as várias formas de expressão cultural, da literatura à fotografia, e as composições digitais servem para romper com o entorpecimento psicológico causado pela sobrecarga de informações e formas dessensibilizadas do discurso (como dados numéricos e jargões técnicos) e (re)-sensibilizam o público para o significado da informação.

Em *Numbers and nerves*, que é um dos meus projetos mais centrados em dados que emergem da disciplina Ecocrítica, publicamos cinco artigos de cientistas sociais sobre fenômenos como o entorpecimento psíquico, a pseudo-ineficácia e o efeito proeminente; sete exemplos de escrita jornalística, literária e acadêmica que lutam para alcançar a sensibilidade da informação; e quatro entrevistas com eminentes comunicadores sobre suas estratégias ambientais e sociais para descobrirem o significado oculto da informação sobre assuntos que vão desde a poluição do ar, na cidade do México, até a contaminação industrial dos rios norte-americanos. Uma das ideias psicológicas particularmente mais poderosas que surge em uma das entrevistas é o conceito de “imaginário trans-escalar”, mencionado pelo fotógrafo Chris Jordan como um conceito central oriundo de seu trabalho. (SLOVIC; SLOVIC, 2015, p. 206). Discutirei sobre isso em detalhes na Parte III deste artigo.

Vejo essa ênfase sobre os dados e a informação como uma tendência ampla na quarta fase da Ecocrítica aplicada, uma fase que começou em torno de 2008⁵. Importantes exemplos da informação centrada na Ecocrítica, incluem o livro de Rob Nixon, *Slow violence and the environment of the poor* (2010), que considera uma ampla gama de trabalhos de distantes ativistas-escritores que representam a destruição sistêmica em grande escala, de sistemas ambientais e sociais em nações em desenvolvimento

Os livros do autor não foram traduzidos até 2017 para o português. As traduções dos títulos são do tradutor: *Seeking awareness in american nature writing* (Procurando um despertar na escrita da natureza norte-americana) (1992); *Going away to think* (Indo embora para pensar); *Numbers and nerves: information, emotion and meaning in a world data* (2015) (Números e nervos: informação, emoção e significado no mundo da informação).

Nota do editor, p. 619.

como resultado da busca faminta por recursos naturais estimulada pelo capitalismo global. Recentemente, Ursula K. Heise, em *Imagining extinction: the cultural meanings of endangered species* (2016), estuda textos que variam da lista das espécies ameaçadas aos bancos de dados das espécies ameaçadas como obras que carregam informações culturais vitais e estão codificadas com narrativas de extinção ou recuperação, embora essas narrativas possam não parecer “estórias”, no sentido tradicional da palavra. Esses exemplos revelam a tendência crescente da Ecocrítica e de campos similares que examinam os dados e a eficácia ou ineficácia dos vários modos de comunicação.

Abaixo vou dar exemplo de uma leitura centrada na informação de um texto cultural, que enfatiza a arte visual do fotógrafo de Seattle, Chris Jordan e como a sociedade moderna tende a desvalorizar a importância da água, o que exige um trabalho como o de Jordan e de outros para reavaliar esse fenômeno sem preço.

Parte II. O inestimável valor da água: um estudo de caso em informação de gestão

Quando o economista Frank Ackerman e a estudiosa jurídica Lisa Heinzerling publicaram *Priceless: on knowing the price of everything and the value of nothing* (2004) (Sobre conhecer o preço de tudo e o valor de nada), um de seus argumentos centrais era de que certos fenômenos eram comercializados ou reduzidos meramente ao valor econômico, quando realmente deveriam ser considerados por seus valores como “inestimáveis”, de tal forma que simplesmente desafiaria a avaliação monetária. Ackerman e Heinzerling (2004, p. 8-9) declararam que

o ponto básico da discussão é o seguinte: a partir de uma ligeira análise econômica da saúde e a proteção ambiental, deve-se considerar que a saúde e a natureza não podem ser descritas em termos monetários, pois elas não têm preço. Se considerarmos a morte de uma pessoa ou a destruição de um recurso natural, não podem ser substituídas, especialmente no caso da devastação ambiental, que se estende durante décadas ou gerações. Quando os resultados são incertos, quando os riscos são compartilhados ou os recursos são usados – em comum, quando as pessoas ‘comprando’ os danos não têm relação com as que realmente foram prejudicadas

– estamos no domínio do inestimável, em que os valores de mercado nos dizem pouco sobre os valores sociais em jogo.

Ao reformular a discussão sobre o valor da água – e outros “recursos” naturais – excluindo a avaliação monetária e, em vez disso, chamamos à atenção para o valor intrínseco a esses fenômenos, seu “valor de existência” e seu valor essencial para a saúde do ecossistema e para a saúde humana, trabalhamos para corrigir a anexação de todos os fenômenos pelo sistema econômico global. A água é, em geral, um fenômeno sagrado. Quando tentamos atribuir um preço a esse fenômeno, distorcemos seu verdadeiro valor.

O ensaísta australiano, William J. Lines, argumentou que, tão logo comecemos a descrever os fenômenos que devemos valorizar e “amar”, em termos de seu valor econômico, passamos a desvalorizá-los e perdemos a motivação para proteger esses fenômenos, especialmente o “ambiente natural” e os seres, os lugares e os processos abrangidos por esse termo. Em seu ensaio, *Money* (2001, p. 26), ele escreve: “As pessoas exploram o que tem um preço ou o que consideram meramente de valor. Elas defendem o que amam. O amor não tem preço. Mas, para defender o que amamos, precisamos de uma linguagem particularizadora, pois amamos o que particularmente conhecemos”.

As Artes e as Humanidades são disciplinas intelectualmente apropriadas para capturar e transmitir, em escala humana, o valor e o significado da água e de outros fenômenos naturais e sociais, através de uma “linguagem particularizadora”, que inclui a imagem visual, em um esforço para apresentar informações em escala humana. É um difícil desafio, especialmente quando o uso humano e os danos aos sistemas naturais de água ocorrem em escala planetária, como no Século XXI.

Quando falo com especialistas sobre questões ambientais contemporâneas, eles dizem que, entre as questões que mais nos interessam hoje, é a extinção desenfreada de espécies de animais e plantas pela liberação diária de tóxicos que contamina o meio ambiente urbano, em que tantas pessoas vivem. Essa é, talvez, a situação mais desesperadora e perigosa que enfrentamos no momento, sobretudo, por causa da crescente inacessibilidade da água potável. O ambientalista e ativista norte-americano, Bill McKibben, disse-me, há mais de uma década, que ele sente que o problema ambiental

global mais importante nas próximas décadas será “água expressada como se fosse trigo”. Quando dizemos a palavra ‘água’, tendemos a pensar que o líquido flui de uma torneira ou viaja ao longo de um leito de rio. Mas pensadores ambientais, como McKibben, estabelece a correlação entre a água e o trigo, ambos como alimentos, situando um ponto de crise em comum que caracteriza nossa interação humana com o mundo natural.

Tendemos a não dar valor à água. Sempre que giramos as torneiras em nossas casas, a água emerge. Como pode haver escassez de água quando sempre parecemos ter acesso a ela em nossas cidades? Como pode haver um problema com a qualidade da água se a que é proveniente de torneiras nas cidades modernas parece ser limpa e potável? Acho que a maioria dos meus estudantes universitários nunca experimentou escassez de água. Da mesma forma, nunca estiveram em um lugar onde realmente podem beber água pura e fresca diretamente de sua fonte natural. A água, para a maioria dos meus alunos, é uma mercadoria, que pode ser comprada e vendida. Que vem em uma garrafa e pela qual se paga uma taxa mensal a uma empresa de serviços públicos.

Ministro minhas aulas sobre escrita ambiental, a cada semestre, no Programa Natureza Selvagem, que tem lugar em um remoto centro de Idaho, chamado de *Frank-Church River of No Return Wilderness*⁶. Os estudantes e eu moramos na Estação de Pesquisa da Natureza Selvagem Taylor, uma bifurcação do *Middle Fork* (Afluente do Meio), através do qual o rio *Pioneer Creek* (Corrente Pioneira) cai em cascata e encontra-se com o rio *Big Creek* (Grande Corrente), um afluente em forma de bifurcação do rio Salmão. Em Taylor, podemos rastrear, com nossos olhos, nossos ouvidos e, até, com nossos passos, o nascimento de uma bacia hidrográfica. Um processo através do qual a água cai como chuva e neve das montanhas drenadas para baixo da terra, por meio de riachos e rios cada vez maiores. Eventualmente, para além de nossa visão, essas águas vão para o mar. Assim, a água que atravessa a Estação de Pesquisa Natureza Selvagem Taylor serpenteia, através de centenas de quilômetros de desfiladeiros selvagens, antes de se esvaziar

O nome do local foi dado em homenagem a Frank Church, um Senador de Idaho, nos anos oitenta. Ele era um apaixonado defensor da vida selvagem em seu estado (Informação dada pelo autor do artigo). O rio Salmão é apelidado de *River of no Return* (Rio sem Retorno). O rio dá nome a toda a área selvagem, em sua circunvizinhança.

entre o rio *Middle Fork* (Bifurcação do Meio) e o rio principal, o *Salmon* (Salmão), e, em seguida, o Rio Snake (Rio Cobra), que alimenta o poderoso rio Columbia e, depois, o Oceano Pacífico, na fronteira mais ocidental dos estados de Oregon e Washington. Somente o salmão anádromo⁷ e a trutas, que chocam em *Big Creek* (Grande Corrente), viajam para o mar durante a maior parte de suas vidas e, depois, retornam a essas águas da montanha para gerar apenas esses peixes e desfrutar a totalidade desse vasto sistema de águas. Mas, mesmo eu, um humano do Século XXI, que conheço essas águas da montanha de uma maneira mais íntima do que conheço água na cidade, escuto a precipitação do Pioneer River (Rio Pioneiro) incessante-mente, embora silenciado ao fundo, enquanto trabalho com meus alunos na Estação de Pesquisa.

Nas cabanas rústicas onde dormimos e cozinhamos na estação, os cursos de água não filtradas deslizam através de tubos de PVC. Quando sentimos sede ou falamos sobre a preciosidade da água, os alunos e eu ca-minhamos até a pequena ponte perto da faixa, coberta de gramados, onde pequenos aviões pousam, algumas vezes por semana, mergulhamos um pequeno copo de acampamento no *Pioneer Creek* (Corrente Pioneira) e o levamos aos nossos lábios e bebemos.

A oportunidade de beber água diretamente de um fluxo de montanha, sem medir filtros químicos e mecânicos, pode parecer um direito humano fundamental. Nós somos seres feitos de água e precisamos dela para sobreviver. Que tipo de planeta criamos através da nossa tecnologia industrial, se já não tivermos esse acesso a esse bem de forma rotineira e se muitas pessoas, em todo o mundo, não têm acesso suficiente a qualquer tipo de água, muito menos água limpa?

Como podemos comunicar melhor essas informações sobre o enorme valor de água limpa para o público? A próxima seção aborda o uso da arte digital transescalar como forma de revelar as conexões entre nosso comportamento individual e a contaminação, em larga escala, dos recursos hídricos através de resíduos de plástico descartados. Na Parte III, daremos uma resposta para essa questão.

Anádromo – que passa do mar para o rio ou que sobe o rio para desovar.

No inglês original *steelhead* nome de uma truta (da mesma família do Salmão que mora no oceano)

Parte III. Pensamento trans-escalar e a “consciência em evolução” através das composições digitais de chris jordan

Uma das abordagens artísticas mais ousadas para compreendermos os violentos impactos humanos sobre o meio aquático da Terra – ou sobre seus oceanos – aparece no trabalho de Chris Jordan. Nascido em Seattle – Washington – Jordan atraiu a atenção considerável na última década para suas belas e provocativas fotografias e composições digitais. Como profissional de Direito por vários anos, Jordan tornou-se um fotógrafo de tem-po integral, com um foco particular no desperdício de hábitos de consumo norte-americanos. Jordan exhibe composições digitais de grande formato da série *Running the Numbers* (Números Velozes), em galerias de todos os cantos Estados Unidos e no exterior. Sua exposição de 2009, no Museu de Arte da Universidade Estadual de Washington, resultou no livro *Running the numbers: an american self-portrait* (Números velozes: um autorretrato norte-americano). Uma imagem típica dessa série (capturada também no volume do catálogo) é a intitulada *Plastic bottles*, 2007 (Garrafas pets). À distância, a imagem parece um campo abstrato e atraente de pontos multicoloridos, semelhante a pedrinhas brancas de praia. No entanto, a leitura da legenda representa dois milhões de garrafas de plástico consumidas a cada cinco minutos nos Estados Unidos. À medida que vamos visualizando a imagem da legenda, as garrafas individuais vão ficando cada vez mais visíveis e oferecem uma poderosa percepção do consumo norte-americano. A experiência de se deslocar da visão mais distante para a mais individualizada dos objetos de consumo é a que Jordan denomina de imaginário transescalar. Além de atrair espectadores para experimentarem a composição como um objeto estético, o objetivo prático deste trabalho é de alertar os cidadãos sobre o assustador consumo de objetos plásticos, desde garrafas a sacos plásticos, que estamos liberando no meio ambiente como um subproduto do nosso comportamento de consumidor. *Plastic Bottles* (2007) é um trabalho de captura visual, mas a conexão com os cinco gigantes “giros¹⁰” de plástico, nos principais oceanos da Terra, ainda é bastante abstrato, apesar da legenda explicativa sobre o significado das garrafas de plástico.

Sem tradução para o português em 2017. Tradução do título nossa.

Palavra traduzida do original *gyre*, que pode ser traduzida como giro ou, em outros contextos no português do Brasil, como um empréstimo (*gyre*). O termo designa o padrão circular das correntes oceânicas transportadas em uma direção específica (tradutor).

Fotografias do trabalho de Jordan estão disponíveis em seu site Chris Jordan (2017). Ao clicar nas imagens para aumentá-las, os espectadores podem ativar um software exclusivo, que cria a impressão transescalar de “ampliação” para perceber os itens específicos de consumo representados nas imagens. Dessa forma, até as imagens estáticas exigem que os espectadores as experimentem por mais tempo, e não, apenas, por poucos segundos, quando passam em frente a uma pintura no museu (O crítico de arte James Elkins cita um estudo que diz que o tempo médio que os espectadores passam na frente de uma pintura pode ser tão pouco quanto dois segundos!). Um clique no “*Plastic Bottles*” (2017) de Jordan, e a imagem parece avançar em direção ao visualizador por vinte segundos. O tamanho das pequenas manchas de areia aumenta até ficar claro que são garrafas de plástico, com as palavras Pepsi e Gatorade, Dasani e Crystal Geyser total-mente visíveis. Outro clique, e a imagem parece recuar, imitando a experiência visual dos espectadores em uma galeria, enquanto caminham em direção a cada uma das muitas composições digitais de Jordan penduradas nas paredes.

Quando entrevistei Jordan em seu estúdio de Seattle, em 2011, como parte do livro *Numbers and nerves: information, emotion, and meaning in a world of data*, perguntei, especificamente, como seus trabalhos visuais levavam os espectadores a se sentirem em relação aos tópicos embrutecedores e, ao mesmo tempo, abstratos que ele explora, desde o consumo de plástico até o número de pessoas encarceradas nas prisões americanas, e como seu trabalho inspira o público a sentir a própria cumplicidade nos fenômenos que sua arte representa. O processo de percepção que Jordan me descreveu enfoca a relação entre o singular e o coletivo, entre uma pequena escala e uma muito maior. O fato particularmente interessante sobre a questão é como o público adota as composições digitais da Jordan, seja em uma galeria ou em seu site. Como pude observar, existe um processo de transição que ocorre quando os telespectadores se afastam das obras e depois retornam. Ao longo do tempo, a imagem coletiva distante é substituída por um sentido mais aproximado dos itens individuais, que constituem o todo. Essa constatação de que o conjunto nebuloso e abstrato é, na verdade, dois milhões de garrafas pet e que a compreensão difusa da sociedade como um coletivo consiste de milhões

de pessoas individuais (como o próprio espectador) é o que Jordan descreveu em nossa entrevista como o “imaginário transescalar”.

O trabalho digital de Jordan sobre a poluição causada por plásticos e o mais recente, que demonstra como o plástico nos oceanos do mundo afeta a vida selvagem, são extremamente relevantes para compreendermos o estado das maiores massas de água do mundo. É importante considerar o que o psicólogo George Loewenstein denominou de “abstrações subvalorizadas” – as decisões que os seres humanos tomam sobre saúde pessoal, sobre as mudanças sociais e sua relação com os fenômenos ambientais (SLOVIC, 2001, p. 114). Ele salienta que,

ao contrário dos fatores viscerais atualmente experimentados, que têm um impacto desproporcional no comportamento, os fatores viscerais atrasados tendem a ser ignorados ou severamente subjacentes a uma tomada de decisão. A dor de hoje, a fome, a raiva etc. são palpáveis, mas as mesmas sensações antecipadas no futuro recebem pouco peso.

Para o habitante médio de qualquer país do mundo, a contaminação do mar por plástico é essencialmente invisível. É, nesse caso, um desses fatores “atrasados” ou imperceptíveis que Loewenstein menciona e, portanto, tem um impacto mínimo no nosso consumo diário e descarte, apesar do capitão Charles Moore ter descoberto, no Oceano Pacífico, uma “ilha” de plástico, que é o dobro do tamanho dos Estados Unidos, trazida pelas correntes marítimas no meio do oceano. Ele afirmou que o plástico é o rastro humano mais perigoso do que o rastro deixado pelo carbono. Nós temos dificuldades de perceber que o uso de plástico no cotidiano, quando compramos mantimentos e aceitamos sacos de plástico, está, de alguma forma, relacionado à terrível poluição plástica em todos os principais oceanos no planeta.

Além das obras de Jordan mencionadas acima, destaco a composição digital intitulada “Vênus, 2011”, que recria a famosa obra de arte de Sandro Botticelli (1486). Na reinterpretação de Jordan, a Vênus que emerge do mar, em uma concha de molusco, é cega. A distância, não se percebe a diferença entre a Vênus de óleo original e a de Jordan, composta de 240,000 mil bolsas de plástico, iguais ou estimadas ao número de bolsas de plástico consumidas ao redor do mundo a cada dez segundos, como sugere a ima-

gem. Para ver as imagens distantes e de perto da composição de Vênus, que está disponível em dois grandes tamanhos (60x103 polegadas, em um único painel, e 8x13 pés em três painéis), pode-se consultar o site da Chris Jordan (2009) e clicar na imagem uma vez, para mover para dentro do close-up, e uma segunda vez, para ver a imagem diminuir e trazer novamente o escopo completo da composição.

Os vários projetos visuais de Jordan trabalham para inspirar o que Robert Ornstein e Paul Ehrlich chamam de “evolução consciente”, em seu livro *New world, new mind* (1989)¹¹, uma das fontes de inspiração para as composições, as fotografias e os filmes socialmente envolvidos com a causa ambiental de Jordan. Na percepção do público sobre a importância das questões levantadas na arte visual da Jordan, grande parte dessa evolução ocorre por causa de experimentos impressionantes em larga escala, que ajudam a orientar os telespectadores a pensarem em escala – a serem mais flexíveis em sua própria capacidade cognitiva transescalar. Isso inclui uma capacidade mais ampla de compreender as conexões entre a escala do consumo humano individual de plástico e a contaminação dos vastos corpos de água da Terra que resulta na poluição causada pelo plástico.

Parte IV. Transformando em mercadoria o sem preço: o desafio conceitual do pensamento biosférico

Mitchell Thomashow argumenta que uma prática rotineira da observação da história natural pode ajudar as pessoas a superarem a tendência a se fixar no imediatismo estático da experiência. A natureza muda constantemente. Quando nos treinamos para observar o mundo natural, ao longo do tempo, tornamo-nos fundamentalmente conscientes da mudança, e nossa imaginação fica mais elástica, capaz de extrapolar os processos observáveis e entender suas implicações no espaço e no tempo. Thomashow (2002, p. 106) afirma que

interpretar a biosfera é um desafio conceitual tão profundo, porque implica a produção de deslumbrantes justaposições da escala¹² climática, passando de uma tempestade de quinze minutos para uma tendência climatológica de um milhão de anos,

Sem tradução oficial para o português em 2017. Tradução do título nossa: Novo mundo, novas mentes (1989).

Ítálico do autor do artigo citando Mitchell Thomashov p.106.

passando da manutenção do solo de seu jardim para a observação dos padrões e tendências de biodiversidade [...].

Vários tipos de extrapolação devem ocorrer para passarmos de meros observadores para as vastas e invisíveis dimensões que excedam as capacidades perceptivas do corpo humano. Devido a nossa capacidade limitada de perceber os órgãos sensoriais físicos, devemos usar nosso cérebro para imaginar as conexões reais que estão subjacentes à nossa existência relacionadas aos impactos ocultos da “lenta violência” sofrida pelo planeta que o ecocrítico Rob Nixon exorta os leitores a considerarem em *Slow violence and the environmentalism of the poor*¹³.

A mudança para o nível cognitivo global e transescalar é evidente no trabalho de Chris Jordan, que descrevi neste ensaio, demonstrando uma experimentação formal que pode ajudar a capacitar o público a empregar formas flexíveis de pensar necessárias à realidade de nossas vidas e relacioná-las à realidade preciosa da água do planeta no Século XXI. Ao se levar em consideração as teorias restauradoras de Ackerman, Heinzerling e Lines, que consideram o valor inestimável da água como uma mercadoria sem preço, seremos capazes de entender o valor incalculável da água e dos ecossistemas para cada vida individual que ela sustenta. Entender e comunicar tais teorias é a tarefa de estudiosos, pesquisadores da área de Humanas em geral.

Parte V. Tempo de disseminar

Em dezembro de 2015, fui um interlocutor no Encontro Nacional de Geofísica Americana de Outono (AGU), que acontece todos os anos em San Francisco. A reunião uniu 24 mil estudiosos do mundo inteiro, a maioria cientistas físicos que trabalham com física pura ou aplicada. Como um não cientista, em uma grande reunião científica, minha palestra foi uma entre as dezesseis breves palestras durante uma sessão de quatro horas, intitulada *Climate Literacy in Multidisciplinary Higher Education* (Alfabetização Climática Multidisciplinar no Ensino Superior), que enfocava a maneira como introduzir subitamente os tópicos sobre mudança climática em meus cursos universitários de Literatura e Escrita, como uma forma de

¹³ Violência lenta e o ambientalismo dos pobres (sem título em português)

incentivar os jovens estudantes a prestarem atenção a esse tópico urgente sem que se sintam sem esperança no estado do planeta. Outros oradores, nessa sessão, vieram de áreas como as de Negócios, Sociologia, Filosofia, Ecologia e Meteorologia (estudos meteorológicos). Vários cientistas vieram até mim, seguindo minha palestra, e expressaram surpresa e entusiasmo pelo fato de um professor de Ciências Humanas incluir temas climáticos e tópicos relacionados, como estudos sobre energia e sustentabilidade em aulas de Humanidades em nível universitário. Isso os impressionou como uma ideia fascinante, mas estranha, embora pesquisadores ecocríticos e de (O que ele quer dizer com outras humanidades? Humanidades não é uma área?) outras humanidades tenham feito esse trabalho durante muitas décadas. A presença de estudiosos de Humanidades em uma convenção de cientistas (muitos deles trabalhando nos mais graves problemas ambientais contemporâneos) é um sinal de que nosso trabalho é, agora, reconhecido como relevante e interessante. Por isso, para nós, os humanistas, foi oferecido um assento à mesa, onde estão ocorrendo as discussões ambientais mais importantes em nossos dias.

Mas agora as cartas estão postas à mesa. Nos Estados Unidos, uma poderosa minoria política recentemente ajudou os políticos conservadores a assumirem o controle do governo, negando a importância das mudanças climáticas e outras crises ambientais e minimizando a importância da Ciência no todo. Essa atitude reacionária pode ter consequências terríveis para o mundo inteiro. Os estudiosos da área de Humanidade Ambiental podem responder, em parte, ao pensar cuidadosamente sobre nosso público e encontrar maneiras de alcançar os leitores e os ouvintes que não se importam com revistas ou romances, nem mesmo com jornais. Já não estamos escrevendo apenas um para o outro em nossas disciplinas acadêmicas estreitas ou para nossos colegas em áreas semelhantes. Estudantes de literatura, colegas que pesquisam sobre humanidades ambientais e nossos colegas de jornalismo ambiental e de artes devem adotar novas estratégias para a comunicação de importantes informações a serem colocadas nas mídias sociais, nos blogs, nos ensaios op-ed¹⁴, em meios de comunicação em massa (sites, jornais), e assim, por diante. Se partirmos de ideias sobre como a mente humana processa informações e como podemos gerenciar

14 Opposite to the editorial page (contrários à posição do editor).

informações através de estratégias de comunicação inovadoras, teremos mais chances de alcançar efetivamente nosso público.

Chegou a hora de os estudiosos das Ciências Humanas Ambientais irem além de nossas revistas e conferências acadêmicas usuais. Precisamos levar nossas ideias para estágios culturais maiores, como jornais e reuniões públicas e conferências acadêmicas em disciplinas além da nossa. Na reunião da AGU, em São Francisco, em dezembro de 2015, escutei o guru do clima, o Dr. James E. Hansen, da Universidade de Columbia, um dos mais eloquentes e aprendizes da ciência atmosférica do mundo, falar, para milhares de pessoas, sobre o que ele chamou de “reticência científica”. O Dr. Hansen explicou, de forma solidária, que há muitas razões pelas quais os cientistas geralmente preferem não fazer declarações sobre temas controversos socialmente, sobretudo os relacionados à mudança climática. Mas a mudança climática é, talvez, a única “questão decisiva” dos nossos dias – ou as nações do mundo atuam de forma decisiva agora para atenuar o aumento médio das temperaturas globais ou condenamos as gerações futuras a um mundo de condições climáticas voláteis, devido ao aumento do nível do mar, a menos espécies de plantas e animais e a um acesso incerto aos alimentos e à água. Os cientistas já não têm o luxo de falar apenas um com o outro – essa foi a mensagem do dr. Hansen aos seus colegas cientistas.

Não só os cientistas relutam, às vezes, em tomar o palco público, como também os estudiosos da área de Humanidades geralmente preferem estar voltados para si próprios e escrever para nossos próprios amigos e colegas. Isso deu certo até agora. Conseguimos estabelecer a legitimidade do nosso campo. Criamos vocabulários acadêmicos ricos e perspicazes. Temos energia que nos impulsiona. Agora estamos em um momento da história em que nossos colegas acadêmicos e o público maior estão nos chamando à mesa. Nossa tarefa já não se resume a conquistas profissionais, mas a uma questão de sobrevivência e de responsabilidade social.

Referências

ACKERMAN, Frank; HEINZERLING, Lisa. *Priceless: on knowing the price of everything and the Value of Nothing*. New York: The New Press, 2004.

CHRIS, Jordan. *Albatross*. 2017. Disponível em: <www.chrisjordan.com>.

- CHRIS, Jordan. *Running the numbers II: portraits of global mass culture*. 2009. Available in: <<http://www.chrisjordan.com/gallery/rtn2/#venus>>.
- CHRIS, Jordan C. *Running the numbers: an American self-portrait*. Pullman, WA: Washington State University Museum of Art, 2009.
- ELKINS, James. How long does it take to look at a painting? *Huffpost*, nov. 2010. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/james-elkins/how-long-does-it-take-to-_b_779946.html>.
- HEISE, Ursula K. *Imagining Extinction: the cultural meanings of endangered species*. Chicago: University of Chicago Press, 2016.
- HOW MUCH water is there on, in, and above the earth? *The USGS Water Science School*, dec. 2016. Disponível em: <<https://water.usgs.gov/edu/earthhowmuch.html>>. Acesso em: 26 apr. 2015.
- INTERDISCIPLINARY STUDIES IN LITERATURE AND ENVIRONMENT – ISLE. v. 19, n. 4, p. 619-21, 2012.
- LINES, William J. Money. *Open Air: essays*. Sydney; London: New Holland, 2001.
- NIXON, Rob. *Slow Violence and the environmentalism of the poor*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2011.
- ORNSTEIN, Robert; EHRLICH, Paul. *New world new mind: moving toward conscious evolution*. New York: Doubleday, 1989.
- SLOVIC, Paul. *Smoking: risk, perception, & policy*. Thousand Oaks, CA: Sage, 2001.
- SLOVIC, Scott. Introspection, Social Transformation, and the Trans-scalar Imaginary: An Interview with Chris Jordan. In: SLOVIC, Scott; SLOVIC, Paul. (Ed.). *Numbers and nerves: information, emotion, and meaning in a world of data*. Corvallis: Oregon State University Press, 2015. p. 200-16.
- SLOVIC, Scott. *Going away to think: engagement, retreat, and ecocritical responsibility*. Reno: University of Nevada Press, 2008.
- SLOVIC, Scott. *Seeking awareness in American nature writing: Henry Thoreau, Annie Dillard, Edward Abbey, Wendell Berry, Barry Lopez*. Salt Lake City: University of Utah Press, 1992.
- THOMASHOW, Mitchell. *Bringing the biosphere home: learning to perceive global environmental change*. Cambridge, MA: MIT Press, 2002.